



ESSAS REVISTINHAS QUE SE CHAMAM ALMANAQUE

Yasmin Jamil Nadaf¹

Resumo: Partindo da confissão afetiva da autora deste artigo pelos almanaques, com ênfase nos almanaques de farmácia, cujo período de ouro de circulação no Brasil ocorreu entre as décadas de 1930 a 1950, pretende-se narrar a trajetória do gênero indicando sua recepção por um público diversificado que compreendeu leitores letrados e analfabetos, pobres e abastados, bem como a sua influência pedagógica e ideológica – de civilização e de progresso – paralela ao seu objetivo de entreter, incentivar a leitura e informar regras de higiene, de saúde e de beleza. A “Coleção” do gênero em discussão pertencente à autora constitui uma das maiores reservas desse veículo de comunicação impresso no Brasil.

Palavras-chave: almanaques de farmácia; leitura; história e crítica.

Abstract: Based on the confession of affection for the almanacs by the author of this article, with emphasis on pharmacy almanacs whose circulation golden period took place between the 1930's to 1950's, this paper is intended to narrate the history of the genre indicating its receipt by a diverse audience formed by literate and illiterate readers, poor and affluent, as well as its pedagogical and ideological influence - of civilization and progress - parallel to its goal to entertain, encourage reading and inform rules of hygiene, health and beauty. The “Collection” of the genre under discussion which belongs to the author is one of the largest reserves of this vehicle form of communication in Brazil.

Keywords: pharmacy almanacs; reading; history and criticism.

Armazenar almanaques é uma das minhas funções. Desde menina sou fã inconteste desse gênero, definido por muitos como o impresso “tem de tudo para todos”. Minha iniciação se deu com a leitura do *Almanaque do Biotônico Fontoura*, que atravessou minha infância e pré-adolescência. Toda criança do meu tempo de criança conhecia o Biotônico Fontoura. Todas o provaram (e aprovaram) porque todas queriam crescer fortes e saudáveis, como ditava o rótulo do vidro desse “milagroso” xarope.

O *Almanaque do Biotônico* (depois *Almanaque Fontoura*) foi criado, redigido e

¹ Professora no Curso de Especialização/Letras do Instituto Cuiabano de Educação. Pós-doutora em Literatura Comparada. E-mail: yasminnadaf@terra.com.br; www.yasminnadaf.com.br

ilustrado em 1920 por Monteiro Lobato, nele introduzindo o personagem Jeca Tatu, um caipira que fez tanto sucesso que posteriormente passou a integrar as páginas dos livros do escritor. Lobato era amigo do farmacêutico Cândido Fontoura, o que explica a iniciativa de sua criação: o laboratório trazia em seu catálogo o fortificante Biotônico, entre outros medicamentos que combatiam a lassidão e as verminoses espalhadas pelos quatro cantos do país, e Jeca era um portador do “amarelão” curado com a Ankilostomina Fontoura. A popularidade desse almanaque foi tamanha que sua tiragem oscilou entre dois e três milhões e meio de exemplares durante as décadas de 1930 a 1970.

Da coleção desse almanaque guardei alguns exemplares. Gostava de ler e ver aquela história em quadrinhos do Jeca Tatuzinho dentro de uma revista séria, entregue nas farmácias, e o que, para mim, conferia uma maior notoriedade a esse gibi quando comparado aos demais comprados nas bancas, que eu ia adquirindo e também colecionando. Farmácia, nessa época, era vista como um espaço sagrado, de respeito, habitado por gente com propriedade para curar as nossas dores e feridas.

Na sequência, o *Almanaque Abril* foi outro fiel companheiro dos meus tempos de menina. Eles serviam para facilitar a confecção das minhas tarefas escolares porque, contrariamente aos almanaques de farmácia, estes priorizavam a ciência letrada, culta, dispensando a ciência popular, alma dos almanaques tradicionais.

Na atualidade me regalo com o *Almanaque do Pensamento* e o *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, generosamente distribuído aos passageiros a bordo dos aviões da TAM. O primeiro é focado na astrologia: previsões astrológicas, horóscopo chinês, tábua lunar e planetária, datas festivas, feriados e festas religiosas, entre outras curiosidades centradas no tempo, enquanto o segundo é uma réplica (intertextual) dos almanaques tradicionais, com aquele aspecto de “bazar asiático”, onde se encaixam variedades & variedades: cultura e ciência popular e erudita, fatos históricos, humor, receitas caseiras, conselhos diversos, palavras cruzadas e a indefectível carta enigmática.

Somo aos citados almanaques velhos exemplares do gênero que vou curiosamente adquirindo em sebos espalhados pelo Brasil e que me proporcionam um prazer indescritível de retorno a uma grata faceta do meu passado, quando me via uma curiosa leitora-mirim da escrita popular ou erudita sem discriminação; eu amava os almanaques e gibis como amava os clássicos da literatura universal. Igualmente, tais impressos levam-me satisfatoriamente ao passado da cultura popular brasileira, permitindo-me vislumbar o patrimônio histórico de real valor que carregam; nascente para pesquisas e descobertas à mercê dos interessados.

Independentemente da temática central a que serviam ou a que servem todos os almanaques, ou almanak, ou almanack, ou, ainda, almanach, como foram grafados, estão relacionados ao tempo – ano, mês, semana, dia, sol, lua e todas as estrelas –, o que justifica a presença imprescindível do calendário que marca o ritmo da vida. Aliás, algumas editoras distribuíam os livretos com um discreto cordãozinho de barbante introduzido em um pequeno furo no início da margem esquerda de alguns almanaques para sua possível fixação nas paredes ou nas portas das casas dos moradores de menor baixa renda ou do meio rural. Pensavam certamente no fácil manuseio do impresso com o passar dos meses

do ano.

Em minha eclética coleção há almanaques para todos os gostos e sabores. Almanagues com assuntos variados, como o *Almanach Bertrand*, o *Almanach Eu Sei Tudo*, o *Almanaque do Correio da Manhã* e outros que se limitavam a temas mais específicos, como o *Almanak do Mensageiro da Fé*, com ênfase na divulgação da religião católica, o *Almanaque Agrícola Chácaras e Quintaes*, com destaque para a agricultura e avicultura, e o *Almanaque Andorinha*, com a atenção voltada para a exposição dos produtos de uma fábrica de tecidos. O maior volume desse grande veículo de (in)formação/entrenenimento que armazeno se inscreve nos almanaques de farmácia, talvez por serem os de minha preferência. Nessa linha, a lista de títulos é extensa e reúne indiscriminadamente os de menor e os de maior circulação a seu tempo, tais como o *Almanaque d'A Saúde da Mulher*, o *Almanaque Capivarol*, o *Almanaque do Dr. Schilling*, o *Almanaque Brasil*, o *Almanaque Ilustrado de Bristol*, o *Almanaque Xarope S. João*, o *Almanaque do Licor de Cacau Xavier*, o *Almanaque do Elixir Prata*, o *Almanaque Iza*, o *Almanaque Renascim Sadol*, além do já citado *Almanaque do Bitônico* (a listagem completa do meu acervo pode ser apreciada em Anexo).

Nesses almanaques, os principais produtos e medicamentos oriundos de seus fabricantes-editores eram proclamados de modo fervoroso através de propagandas, algumas ilustradas e outras não, ou das cartas de leitores que haviam sido curados com este ou aquele medicamento. Cartas de médicos aconselhando a eficácia das “fórmulas farmacêuticas” dividiam o mesmo espaço tipográfico. A relação desses medicamentos parece ser algo infundável, mas não se pode excluí-los de um artigo dessa natureza, porque os almanaques de farmácia surgiram *a priori* para difundí-los. Entre os mais populares, anotamos as Pilulas de Vida do Dr. Ross, as Pilulas Catharticas do Dr. Ayer, o Mistol e o Nujol do Dr. Schilling, as Pequenas Pilulas de Reuter, o Capivarol (“rei dos tônicos”), o Cognac de Alcatrão Xavier, o Licor de Cacau, o Biotônico Fontoura (o “fortificante de todas as gerações”), o Xarope S. João, o Sadol, o Melagrião, o Renascim, as Pilulas de Bristol (o “purgante caseiro de excelência”), a Pomada Minancora, o Xarope de Pepsina, o Tônico Salvol e uma prateleira de elixires: o Elixir Brasil, o Elixir de Inhamé Goulart, o Elixir Prata e o Elixir Nogueira. Todos eles seguidos de um “cardápio” de beleza que seus respectivos laboratórios ofereciam aos seus clientes para a saúde do corpo – colônias, sabonetes, talcos, pastas dentárias, óleos bronzeadores e tonificantes. Uma pungente oferta para a beleza física e mental.

Vivíamos num Brasil de sífilis, gonorréias, flores brancas, tuberculose, tosses e resfriados, raquitismo, anemia, desnutrição, frieiras e coceiras na pele e amarelões (ou opilações), este último considerado o maior flagelo nacional. E os almanques de farmácia, somando-se aos almanaques gerais, assumiram a tarefa de educar sanitária e moralmente um grande número de brasileiros, vítimas desse triste cenário, contando com a vantagem de chegar a rincões que outros veículos impressos não chegavam, e, melhor, sem nenhum custo financeiro para o leitor, que os recebia gratuitamente por cortesia das indústrias farmacêuticas. Esses periódicos atuaram como um importante veículo ideológico, estampando uma escancarada “cruzada civilizatória”, que adveio do final do século XIX e ganhou forças no começo do século XX, e cujo objetivo era transformar o Brasil num território culto e imune das doenças endêmicas e epidêmicas. O Brasil real, negativo, nem o governo, nem

as indústrias farmacêuticas tinham o interesse de mostrar lá fora, ao capital estrangeiro. Assim, além de pedagógico, esses almanaques transformaram-se em agentes políticos – de civilização e de progresso –, cujo entorno, além do entretenimento, era divulgar regras de higiene, de saúde e de beleza.

Nesse sentido, colhemos as palavras publicadas na página de abertura do *Almanach d'A Saude da Mulher* para o ano de 1932:

Saúde e Felicidade! É o que ao “Almanach d'A Saude da Mulher para 1932” se oferece de mais afetuoso para desejar a seus leitores, no limiar do Ano Novo. E, ao formular esse voto, este almanaque o faz com a plena consciência e com a inteira certeza do quanto lhe é dado colaborar na sua realização, graças ao contingente de possibilidades com que concorre para a Saúde e, portanto, para a Felicidade de seus amigos: é que a Saúde, – sem a qual a ventura é sempre ilusória e vã, – encontra aqui os elementos necessários à sua conservação e à sua reconquista quando a tenham atingido as doenças inimigas e traiçoeiras.

Na seqüência destas páginas, prontos para o embate, desfilam, vigilantes, os antigos “Paladinos da Saúde” que se chamam “A Saúde da Mulher”, “Bromil”, “Nutrion”, “Pomada Boro-Boracica”, “Neo-Necatorina” e “Odol” e que, à primeira exortação de socorro, os enfermos se habituaram a ver a seu lado como os Fulminadores invencíveis dos males a cuja extinção se destinam.

Com tal guarda como garantia da Saúde, ficam os leitores aparelhados para enfrentar os obstáculos mais diretamente capazes de deter o passo à marcha da Felicidade ampla e perfeita que lhes deseja o “Almanach d'A Saude da Mulher para 1932”.

Pensamento semelhante escreve-se no *Almanaque Dr. Schilling* para o ano de 1961, e que se dirige de modo mais específico ao público leitor feminino com o seguinte pensamento:

Está claro que quando afirmamos que procuramos fazer este almanaque para “se ler e guardar”, queremos dizer que você o lerá muitas vezes, pelo que ele contém de útil, de prático e de interessante.

Como você poderá ver na contra-capa ao lado, “a casa dos bons produtos domésticos” quis preparar este almanaque de forma a atender ao interesse de leitura de todos, mas, muito especialmente, da mulher brasileira. Neste almanaque você encontrará um grande número de conselhos sobre a alimentação, não apenas na escolha dos alimentos, mas na sua indicação para as várias idades e para os vários tipos de trabalho.

Incluimos também neste almanaque uma série de úteis informações estatísticas. Para a dona de casa, este almanaque, como os outros que anualmente lhe oferecemos, será um verdadeiro “catecismo” de conselhos e sugestões diversas.

Há, além do mais, uma parte literária. Sua matéria literária é de primeira ordem. Divulgamos a trova ou quadrinha popular, que é um gênero de poesia tão ao gosto da nossa gente. Incluimos quatro sonetos de amor de

grandes poetas brasileiros, e poemas escolhidos. Os que colecionarem este almanaque, terão uma pequena antologia de obras dos melhores escritores brasileiros.

Você encontrará, ainda, um variado material informativo, sobre assuntos de interesse geral, feminino ou masculino.

Unindo o útil ao agradável, o belo ao necessário, este almanaque é um pequeno manual de utilidades e boa literatura. Sua leitura será sempre proveitosa.

Por isto, imodestamente, nos permitimos, no momento em que o publicamos e lhe oferecemos, afirmar que se trata de um “almanaque para se ler e guardar”.

Se quiser nos escrever, oferecendo sugestões ou críticas, lhe ficaremos gratos. E aqui nos despedimos, desejando-lhe saúde, beleza e felicidade, até o “Almanaque do Dr. Schilling” de 1962.

Paralelamente a essa empresa, tais impressos ajudaram a diminuir a estatística dos analfabetos, visto que muitos deles serviram de cartilha [improvisada] para o estudo do A-B-C-D, ou incentivaram o indivíduo a aprender a ler para ter acesso as suas ricas informações.

No Brasil, os primeiros almanaques datam do século XIX e o destaque ficou por conta dos almanaques das/ou para as cidades que traziam registros diversos sobre esta ou aquela determinada localidade que o editava. Eles atravessaram o século XX somando-se a outros almanaques que iam surgindo aqui e ali em resposta às necessidades de um grupo, ou de uma empresa ou associação.

Integrado a esse modismo, os almanaques de farmácia brotaram no final do século XIX, com a estréia de *O Pharol da Medicina*, elaborado com o patrocínio da Drogaria Granado do Rio de Janeiro, tendo circulado do ano de 1887 até a década de 1940. O período de ouro dessa espécie de almanaque ocorreu entre as décadas de 1930 e 1950, quando os laboratórios e as indústrias de farmácia constataram o retorno formidável da divulgação e conseqüente aquisição de seus produtos, graças a intervenção desse porta-voz, calorosamente acolhido tanto pelos letrados, quanto pelos analfabetos, e tanto pelos ricos, quanto pelos pobres do Brasil. O correio era encarregado de distribuí-los para os milhares de leitores de Norte a Sul do país, como informa o editorial do *Almanaque Goulart* para o ano de 1958:

Aqui está o “Almanque Goulart” de 1958, reunindo artigos, informações, humorismo, curiosidades e conselhos úteis, especialmente preparado para ser lido e guardado, tal o volume de notas interessantes.

Representando uma iniciativa de um pequeno grupo de homens, que vivem do (e para o) público, prestando-lhe serviços indispensáveis, esta é uma publicação destinada a todos os grupos, ao povo em geral, das grandes cidades aos pequenos povoados de interior, a todos procurando proporcionar momentos de distração e, ainda, um cuidadoso apanhado de coisas que devem ser conhecidas.

Lançado em grande tiragem, o ALMANAQUE destina-se à leitura de alguns milhões de pessoas, fazendo-se um cálculo pessimista de 4 a 5

leitores por exemplar.

Assim, teria que orientar sua confecção, como em verdade aconteceu, um sentido de interesse geral, abordando e condensando diferentes assuntos, o que esperamos ter conseguido da melhor maneira, circulando do Amazonas ao Rio Grande do Sul, num autêntico e proveitoso giro pelo Brasil, levando a mensagem amiga de seus anunciantes, que são, em última análise, os que tornaram possível sua realização.

Esperando leitor amigo, poder oferecer-lhe algo agradável, temos o prazer de convidá-lo a percorrer as demais páginas.

A REDAÇÃO

Fiel a esse objetivo, o *Almanque Goulart* e seus congêneres atendiam a uma variedade de assuntos entre os anúncios de seus produtos: conselhos culinários; provérbios; frases célebres; divertimentos (piadas, passatempos, jogos, desafios, carta enigmática) e informações para as mais diversas áreas. Todo esse conteúdo cabia em um livrinho que variava em 16, 32 ou 48 o número de suas páginas impressas num pequeno formato de aproximadamente 13 x 18 cm. A publicação era anual, salvo raras exceções, semestrais ou mensais.

Mas qual será a origem desse livro ou livreto ou ainda livrinho lido e amado por milhares de brasileiros? Alguns almanaques editados no Brasil traziam a descrição de seus antepassados, explicando sobre o seu nascimento, as suas variadas tipologias e demais curiosidades a respeito do seu universo.

Um exemplo dessa prática pode ser conferida no *Almanaque Agrícola Chácaras e Quintaes* para o segundo semestre de 1959, em que se lê:

Pelo nome, o almanaque deve ter a origem grego-árabe. Mas há quem faça remontar mais longe a sua aparição, talvez nos tempos de Tut-Ank-Amen, visto como, o mais antigo que se conserva em Londres, foi encontrado no Egito, redigido em papiro, supondo-se ter sido compilado 1600 anos antes de era vulgar.

Em Roma, almanaques ou calendários em geral, existiam desde os tempos do Numa Pompilio, mas já antes, outros povos antigos, como os chineses, os indianos, os gregos, os etruscos, faziam alguma cousa semelhante. Na Europa, escreveram-se almanaques desde os séculos XI e XII, e Lalande sustenta que os primeiros foram organizados por Salomão Jarco em 1150. Um almanaque muito notável sob o aspecto histórico é o de João Müller, que continha as efemérides astronômicas para os anos de 1474-1506, das quais parece terem se valido Colombo e Vespúcio nas primeiras expedições oceânicas. [...]

Não há, a bem dizer, atividade humana que não tenha criado o seu almanaque.

Os astrônomos, os literatos, os poetas, os filósofos, os artistas, os humoristas, os agricultores, os artífices, as mulheres, as famílias, os esportistas, os magistrados, os eclesiásticos, todos tem tido o seu almanaque, e a própria nobreza tem o de Gotha; mesmo os fumantes tem tido almanaques. Entre eles o *Almanach du Fumeur et du Priseur*, publicado em Paris

em 1870, e que, já naquele ano, estava no seu duodécimo ano de vida. Afirmava-se naquela época que o charuto, o cachimbo e o cigarro, eram revolucionários, céticos, motejadores, enquanto que o uso do rapé era pacífico, imponente e civilizador.

Desse modo, o almanaque insere a História e nela se insere. Liturgia do passado, do presente e do futuro, transformou-se em um documento histórico *per si* e que deve e merece ser tratado como tal. De sua chuva de utilidades registrou, registra e certamente registrará (porque goza de muita simpatia e charme para ser vencido pela ação dos tempos modernos) conteúdos do micro e do macro cosmo, impossíveis de serem todos aqui relacionados. São temas infinitos que acompanham a infinitude do tempo e do espaço...

Referências Bibliográficas

LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatuzinho*. 35.ed. São Paulo: Instituto Medicamenta Fontoura, 1973.
MEYER, Marlyse (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

“Coleção” dos almanaques de farmácia pertencentes à autora deste artigo:

Almanak (depois Almanaque) Ilustrado de Bristol. New York/Rio de Janeiro: Lanman & Kemp-Barclay & Co. of Brazil, 1902, 1909, 1943, 1960, 1961, 1964, 1966, 1971.

O Pharol da Medicina. Rio de Janeiro: Granado & Cia., 1908.

Almanak do Dr. Richards. New York/Brasil: Dr. Richards, 1909.

Almanak de Barry. New York/Brasil: Barclay & Co, 1913.

Almanach de Ross. Rio de Janeiro: The Sydney Ross Co., 1928, 1940, 1941.

Almanaque Bayer. Rio de Janeiro: Casa Bayer, 1930, 1950.

O Almanack do Urodonal. 1931.

Almanach (depois Almanaque) d’A Saude da Mulher. Rio de Janeiro: Daudt, Oliveira & Cia Ltda., 1932, 1933, 1934, 1937, 1938, 1940, 1950, 1951, 1952, 1953, 1959, 1962, 1971.

Almanach (depois Almanaque) Capivarol. Rio de Janeiro: Laboratorio Capivarol Ltda., 1934, 1935, 1936, 1937, 1943, 1946, 1949, 1950, 1952, 1953, 1957, 1978, 1980.

Almanack do Elixir Prata. Itapira: Laboratorio Prata, 1934, 1937, 1939.

Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer. Rio de Janeiro: The Ayer Company of Brasil, 1934.

Almanack Xavier. São Paulo: Xavier Irmãos, 1935.

O Companheiro do Lar. Rio de Janeiro: Lanman & Kemp-Barclay & Co. of Brazil, Julho de

1935 a Junho de 1936.

Almanach Rhodia, continuador, no Brasil, do *Almanach Parisiense* da Casa Grimault & Cia., de Paris, 1936.

Almanak Xarope S. João. São Paulo: Laboratórios Alvim & Feitas, 1936, 1937.

Almanaque Satosin, o *Protetor*. São Paulo: Laboratório Satosin, 1939.

Almanaque do Biotônico. São Paulo/Rio de Janeiro: Instituto Medicamenta Fontoura, 1939, 1942, 1959, 1963, 1965, 1967, 1969, 1970, 1972.

Almanaque Guaraína. Rio de Janeiro: Laboratórios Raul Leite S.A., 1940, 1949.

Almanaque da Pariquyna. Rio de Janeiro: Laboratório Pariquyna, 1941, 1944.

Almanaque Silveira. Rio de Janeiro: Silveira Filhos & Cia., 1941, 1947, 1953.

Elixir Brasil Almanaque. São Paulo: Laboratórios Fitra-Pisani, 1942.

Almanaque Brasil. Rio de Janeiro: Laboratórios Moura Brasil, 1946; Rio de Janeiro: Elo Publicidade e Editora Ltda, 1962, 1969.

Almanaque do Licor de Cacau Xavier. São Paulo: Laboratório Licor de Cacau Xavier S.A., 1950, 1957.

Almanaque Iza. Porto Alegre: Laboratório Kraemer Ltda., 1955, 1977, 1982, 1984, 1988, 1994.

Saúde: Almanaque. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – S.N.E.S (Serviço Nacional de Educação Sanitária), 1957.

Elo - Nosso Almanaque. Rio de Janeiro: Elo-Publicidade, 1957.

Almanaque do Elixir de Inhamé Goulart. Rio de Janeiro: Laboratórios Goulart, 1957.

Almanaque Renascim. Joinville: Laboratório Catarinense S.A., 1957, 1958, 1961, 1971, 1972, 1973.

Almanaque Goulart. Rio de Janeiro: J.Goulart Machado, 1958, 1959, 1960.

Almanaque do Dr. Schilling – Saúde e Beleza. Rio de Janeiro: Dr. Schilling, 1961, 1962.

Almanaque Catedral. São Paulo: Laboratórios e Farmácia Catedral, 1966.

Almanaque Fontoura. Rio de Janeiro: Laboratório Fontoura, 1977, 1979, 1981; São Paulo: Instituto Medicamenta Fontoura S.A., 1982, 1984.

Almanaque Renascim Sadol. Joinville: Laboratório Catarinense S.A., 1981, 1983, 1988, 1989, 1993, 1994, 1996, 1998, 2001, 2003, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009.